

Andreia Rocha de Vasconcellos

Sobre a noção de realidade em Freud: primeiras explorações

Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Teoria
Psicanalítica

COGEAE-PUC/SP

2015

Andreia Rocha de Vasconcellos

Sobre a noção de realidade em Freud: primeiras explorações

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – COGEAE, como pré-requisito para a obtenção do título de pós-graduado, orientada pela Prof.^a Dr.^a Inês Rosa Bianca Loureiro.

COGEAE-PUC/SP

2015

Banca Examinadora

Agradecimentos

À Prof. Dra. Inês Loureiro que, com dedicação e acolhimento, me orientou para a devida maturidade dessa pesquisa.

Ao Prof. Dr. Pedro Luiz Ribeiro de Santi, cujo prisma psicanalítico-filosófico me fez observar nuances recônditas da condição humana.

À Prof. Dra. Lucia Valladares, pela constante possibilidade de diálogo.

Aos colegas do Cogea, pelas diversas oportunidades de discussão sobre as ideias suscitadas em aula.

À Vanessa Murari Federmann, que sempre acompanhou e acalentou meus projetos e descobertas.

Ao Fabio, que sempre me estimula a conhecer cada vez mais.

Ao Luís Cláudio Figueiredo que me faz vivenciar a profunda vinculação entre o conhecimento e a experiência de realidade.

Resumo

A presente pesquisa procurou ressaltar como as concepções de realidade podem ser apreendida em vários momentos na obra de Sigmund Freud. O estudo procurou mostrar também, a partir de um estudo minucioso feito por Nelson Coelho Jr., como a noção de realidade se articula a outros conceitos tornando-se imprescindível para a constituição da teoria psicanalítica. Examina-se com mais vagar o ensaio *Além do princípio do prazer* (1920), onde Freud retoma a ideia de que o desenvolvimento dos processos psíquicos é regido pelo princípio do prazer, mas as dificuldades impostas pelo mundo externo tornam premente a instalação do princípio de realidade, tendo como função a autoconservação do eu.

Palavras-chave: realidade; realidade psíquica; princípio de realidade; metapsicologia; Sigmund Freud

Sumário

Introdução	7
Capítulo 1 - Percurso geral pela obra de Freud, nas trilhas de Coelho Jr.....	9
1.1 Realidade psíquica X Realidade externa/objetiva	9
1.2 A concepção de realidade em <i>Signo de realidade</i> ou a possibilidade de uma representação verdadeira da realidade.....	11
Capítulo 2 - A noção de realidade em Além do Princípio do Prazer	25
2.1 O princípio do prazer.....	25
2.2. O princípio de realidade e sua relação com o princípio do prazer	26
2.3. Princípio de realidade, percepção e fantasia.....	28
2.4. Os princípios de prazer e realidade X processos primário e secundário	30
2.5. O princípio do prazer e o princípio da realidade em <i>Mal-estar na civilização</i>	31
Considerações finais	33
Referências bibliográficas.....	36

Introdução

O interesse em desenvolver uma pesquisa no campo da teoria psicanalítica surgiu da minha crescente curiosidade pela obra de Sigmund Freud. A medida que fui avançando nas leituras dos textos e tendo contato também com as reflexões elaboradas pelos estudiosos do pensamento freudiano, fui percebendo a importância que seria para mim fazer um contato mais próximo com a psicanálise, explorar com um pouco mais de profundidade os conceitos que compõem teoria psicanalítica, por um caminho diferente, mas que se complementa com minha experiência como analisanda. Cabe explicitar que minha formação acadêmica e experiência profissional se deram em outra área do conhecimento: Administração de empresas com ênfase em finanças.

Esta pesquisa tem como objetivo expor alguns pontos referentes à noção de realidade em Freud. A metodologia da pesquisa ficou restrita ao campo delimitativo da teoria. O desenvolvimento das reflexões terá como fio condutor algumas ideias do pensamento freudiano que dizem respeito diretamente a noção de realidade e que comparecem em por vários momentos de sua obra.

Meu interesse por esse tema parte da hipótese de que a concepção de realidade pode ser vista como uma das ideias centrais para o desenvolvimento de outros conceitos importantes para a constituição da teoria psicanalítica.

Para que fosse possível desenvolver tal abordagem, escolhi a obra de Nelson Coelho Jr., *A força da realidade na clínica freudiana*, publicada em 1995, como referência para o desenvolvimento da minha pesquisa. O trabalho do autor tem como objetivo destacar as incidências da concepção de realidade na obra freudiana no trabalho da clínica psicanalítica. Não há dúvidas da importância dessa relação (constructo teórico e prática clínica). Entretanto, nessa monografia me voltarei quase que exclusivamente ao ponto de vista teórico, ou seja, irei privilegiar a noção de realidade do ponto de vista metapsicológico.

Embora Coelho Jr. pretenda estabelecer as relações entre a teoria e a prática clínica no que tange à concepção de realidade, ressaltarei aqui apenas a parte de seus estudos - qual seja, os aspectos teóricos e, mais especificamente, aqueles ligados à própria constituição do psiquismo (distinção interno/externo, realidade/alucinação, e assim por diante, conforme veremos à frente).

Os diversos estudos já realizados sobre a noção de realidade apresentam um ponto em comum: a dificuldade de reconhecer um conceito unívoco para a ideia de realidade tanto no que diz respeito à teoria freudiana como pelas demais teorias e correntes psicanalíticas surgidas posteriormente. “(...) a noção de realidade aparece de forma múltipla, pluralista. Ela é múltipla em Freud, é múltipla na clínica, é múltipla na conversa cotidiana (...). A realidade nunca é uma só, e não é sempre a mesma.” (COELHO Jr.,1995, p.20)

Nossa pesquisa tenta realizar um percurso pelas obras de Freud. Utilizaremos a edição da Companhia da Letras (tradução de Paulo César de Souza), diferente da edição utilizada por Coelho Jr. Utilizaremos o trabalho de Coelho Jr. como guia para as questões no que diz respeito à concepção de realidade; ele nos forneceu o caminho básico a ser percorrido na obra freudiana. A partir de suas indicações, fomos diretamente aos textos de Freud, como se verá no primeiro capítulo desta pesquisa. Utilizaremos também outros comentadores que nos trouxeram reflexões importantes a respeito do conceito realidade (como Mezan, Figueiredo e Giacóia Jr.)

A obra de Coelho Jr. constitui um vasto material de trabalho que pode se desdobrar em diversas vertentes. Dado o alcance desta monografia, elegi uma vertente a ser desenvolvida dentre as quatro apresentadas pelo autor, a saber: *Signo de realidade ou a possibilidade de uma representação verdadeira da realidade*, no qual aparecem as questões que me interessam explorar; por isso, os demais eixos serão aqui apenas mencionados

No segundo capítulo, prosseguiremos com a abordagem da noção de realidade, agora especificamente no texto *Além do princípio do prazer* (1920), texto curiosamente não mencionado por Coelho Jr. em nenhum dos eixos que propõe. Assim, resolvemos explorar esse ensaio de Freud na tentativa de ver quais elementos fornece (ou não) para a compreensão da noção de realidade.

Parto da tentativa de organizar alguns contextos em que aparece a concepção de realidade, dentro das articulações com outros conceitos propostos por Freud. Entretanto, é importante ressaltar que Freud não trabalha em nenhum momento com uma definição teórica precisa que permitiria estabelecer um conceito unívoco e definitivo para o termo “realidade”. Em meio à multiplicidade de acepções, a meu ver sobressai a polaridade realidade psíquica X realidade material. Como veremos adiante, há quem veja nessa oposição a própria marca da psicanálise.

Capítulo 1 - Percurso geral pela obra de Freud, nas trilhas de Coelho Jr.

1.1. Realidade psíquica X Realidade externa/objetiva

Sabemos que a expressão *realidade* pode ser apresentada sob diversos ângulos. Por exemplo, há quem defina o “problema da realidade” como sendo uma questão ontológica, mas também quem acredita que só na relação com a experiência concreta pode-se adquirir uma ideia mais próxima acerca da realidade.

Por outro lado, parece haver em muitos textos psicanalíticos uma concepção da realidade externa como sendo algo já dado, algo inquestionável e que serve como referência avaliativa de processos psíquicos, por exemplo, de processos alucinatórios. A realidade externa seria inquestionável, sendo questionável apenas a apreensão que cada um realiza dessa realidade. (COELHO Jr., 1995, p.21)

Não são poucos os estudiosos de Freud que consideram a separação entre realidade exterior ou material e a realidade psíquica como característica fundante do sistema investigativo freudiano. Por exemplo, temos na reflexão de Benilton Bezerra Jr. (1994) que “O descentramento do sujeito, operado pela introdução da noção de inconsciente, seria portanto, para o próprio Freud, a pedra de toque da psicanálise, e a marca fundamental de sua distinção com relação a outras teorias sobre o humano e o psíquico”. Mesmo que o conceito de inconsciente não se apresente como uma descoberta freudiana, pois, como sabemos, essa ideia já circulava em reflexões anteriores - como no pensamento filosófico e na literatura - , a instituição de uma realidade psíquica separa, de certa forma, um pensar psicanalítico de um pensar filosófico.

A noção de realidade, na psicanálise, significa a cena na qual o sujeito age e sofre a ação dos outros, e na qual encontra tanto um limite para a onipotência dos seus desejos quanto os meios para, justamente “realiza-los”, isto é, torná-los reais. Freud se referia a essa cena como realidade “exterior”, isto é, realidade “material”, ou às vezes realidade “histórica”. A ela se opõe a realidade psíquica, o universo do inconsciente, dos desejos e das fantasias que o povoam, para o sujeito tão ou mais “reais” quanto o que seus sentidos percebem do mundo à sua volta. (MEZAN, 2002, p.417).

André Green, em seu livro *Sobre a loucura pessoal* nos traz uma explicação para a complexidade da relação entre realidade psíquica e realidade material no campo da teoria da psicanálise.

A ambiguidade da noção de realidade na psicanálise é grandemente devida ao fato de que a mesma palavra é aplicada tanto a realidade psíquica como à realidade externa. Para o inconsciente, só conta a primeira, isto é, o mundo interno das fantasias inconscientes. Contudo, a fim de ser preservada, a realidade interna deve contar com a realidade externa. A predominância do princípio da realidade protege o princípio do prazer, daí a importância de levar em consideração a realidade externa, tanto para o analista quanto para o analisando. (GREEN, 1988, apud COELHO, 1995, p.22)

Freud quis promover, a partir do método de investigação analítico, a transformação de uma realidade psíquica limitada e empobrecida pela doença nervosa, em uma realidade na qual seja possível ao paciente se expor a novas experiências no mundo externo e, por conseguinte, obter um maior enriquecimento de seu mundo psíquico.

Nessa passagem de *Cinco lições de psicanálise*, 1910, ele nos esclarece a relação entre o trabalho psicanalítico e a liberação de energia no sistema psíquico do paciente para que seja possível, até certo ponto, é claro, a transformação de desejos oriundos de sua realidade psíquica em transformações da realidade no mundo externo.

Quanto mais os senhores penetrarem na patogênese da doença nervosa, tanto mais se lhes revelará o nexos entre as neuroses e outros produtos da psique humana (...) O indivíduo enérgico e bem-sucedido é aquele que, mediante o trabalho, consegue transformar em realidade suas fantasias que encerram desejos. Quando isso não é alcançado devido às resistências do mundo externo e a fraqueza da pessoa, ocorre o afastamento da realidade, o indivíduo se retira para um mundo de fantasias mais satisfatório, cujo conteúdo transforma em sintomas, no caso de enfermidade. (FREUD, 1910, p.278)

Sua reflexão nos mostra a importância de observarmos o quanto há de coerência entre a realidade psíquica e a realidade material na vida do paciente, e, entre outras coisas, nos fazer perceber o grau de importância que as fantasias atingem na realidade psíquica e na realidade externa do paciente. Será a partir da relação de confronto entre a realidade psíquica e realidade externa que se dará o processo de pensar a relação dos sintomas assentados em uma realidade psíquica. Freud, em seu texto *Os caminhos da formação de sintomas*, 1917, nos apresenta sua reflexão sobre a relação entre realidade psíquica e a realidade material com a formação da neurose.

Também elas [as fantasias] têm uma espécie de realidade; é e permanece sendo fato, afinal que essas fantasias foram criadas pelo próprio doente, e seu significado para a neurose não se faz menor por ele não as ter vivido no âmbito da realidade. Se não se apresentam dotadas de realidade *material*, essas fantasias decerto revelam *realidade psíquica*, e pouco a pouco

aprendemos que, *no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a decisiva.* (FREUD, 1917, p.475, grifos nossos)

Assim, é certo que os dois eixos propostos por Freud, realidade psíquica e realidade material são apresentados como as principais configurações que formarão, em seus mais particulares arranjos, os diferentes conflitos psíquicos.

1.2.A concepção de realidade em *Signo de realidade ou a possibilidade de uma representação verdadeira da realidade*

Como dissemos na Introdução, será a partir da obra *A força da realidade na clínica freudiana*, de Nelson Coelho Jr. que faremos a caminhada pela problematização da noção de realidade que circunda os principais conceitos da teoria psicanalítica. Embora o trabalho de Coelho Jr. tenha como objetivo identificar a intervenção da realidade no trabalho da clínica psicanalítica sua pesquisa aponta, de forma bastante sistemática, as conexões que as concepções freudianas de realidade fazem com outros conceitos que estruturam a sua obra psicanalítica.

Nelson Coelho Jr. expõe em seu livro as diferentes formas de como a ideia de realidade foi se instalando na obra de Freud. O autor construirá uma forma bastante clara de divisão metodológica de seu trabalho com a finalidade de deixar mais compreensível as coadunações conceituais que se estabeleceram com as noções de realidade ao longo da obra freudiana.

“Assim como em vários conceitos que estão presentes em toda a sua obra, também ao conceito de realidade Freud atribui sentidos diferentes e múltiplos. É característica do texto freudiano, além disso, a articulação em quase todas as oportunidades desse conceito a outro” (COELHO, 1995, p.28)

Piera Aulagnier, em seu livro *Os destinos do prazer*, também afirma que Freud trabalha a noção de realidade nas mais diversas direções, inclusive pelos seus opostos.

O termo ‘realidade’ raramente aparece isolado na obra de Freud. Na maioria das vezes, trata-se do princípio de realidade, das exigências da realidade, do signo da realidade, do atributo da realidade, ou então do desvio, da negação, da rejeição deste atributo, deste signo, destas exigências. A dificuldade em sabermos a quem Freud se refere de maneira precisa quando invoca o conceito de realidade parece depender essencialmente do fato que, segundo os casos e o tipo de patologia por ele estudados, Freud privilegia ou a categoria do

possível oposta à do impossível, ou a do lícito em oposição à do interdito, ou a do permitido oposta à do proibido. Dependendo do fenômeno considerado, a oposição far-se-á entre percepção correta e alucinação, verdade e ilusão, verossimilhança ou não da interpretação da causa de um fenômeno. (AULAGNIER, 1985, apud COELHO, 1995, p.28)

Coelho Jr. estabelece quatro eixos que, apesar de se relacionarem pelo fio condutor da noção de realidade, são muito bem delimitados pelos seus conteúdos. Cada eixo é percorrido na ordem cronológica da publicação dos textos freudianos. A saber: *Fuga da realidade e fuga para a realidade*; *Ativo diante da realidade e passivo diante da realidade*; *Realidade externa e Realidade psíquica* e *Signo de realidade ou a possibilidade de uma representação verdadeira da realidade*

Em *Fuga da realidade e fuga para a realidade* o autor faz sua reflexão a partir das formações psíquicas, pelas quais evitam as frustrações oriundas do mundo externo. Ele parte de dois movimentos centrais: fugir da realidade ou refugiar-se nela.

Na apresentação de *Ativo diante da realidade e passivo diante da realidade*, Coelho nos apresenta como Freud elabora as possibilidades do paciente em transformar a realidade exterior e ser capaz de atuar sobre ela por meio de suas próprias escolhas.

Na exposição do eixo *Realidade externa e Realidade psíquica*, o autor retoma questões primordiais de Freud no que diz respeito à possibilidade do estabelecimento da realidade externa como referencial para a formação da realidade psíquica.

Priorizemos, a partir de agora, a apresentação do percurso da constituição da noção de realidade na obra de Freud conforme o eixo: *Signo de realidade ou a possibilidade de uma representação verdadeira da realidade*. É neste eixo que se concentram (juntamente com algumas questões incluídas no eixo “realidade externa e realidade psíquica”) os aspectos metapsicológicos que mais me despertaram o interesse.

Em *Signo de realidade ou a possibilidade de uma representação verdadeira da realidade*, Coelho Jr. inicia a discussão a partir da possibilidade do conhecimento da realidade, ou seja, a questão filosófica do “problema da realidade”, questão esta que levou muitos pensadores a examinarem a realidade em estreita relação com noções de essência e de existência, já outros atrelaram a ideia de realidade ligada à noção de experiência.

Sabemos que há razões para se acreditar na probabilidade de se confundir realidade com a possibilidade de *percepção* de algo. Os filósofos fariam claras

distinções da noção de realidade: realidade lógica, realidade cognoscitiva, realidade essencial etc., mas Freud dará outro rumo aos temas relacionados à ideia de realidade. Seu trabalho nos permitirá entender as diversas estruturas do psiquismo que compõem a vivência humana.

(...) o tema da ilusão ou do falso conhecimento da realidade sempre foi objeto das investigações em psicopatologia. Através de um longo percurso Freud se utilizará de conceitos como signo de realidade, juízo de realidade, prova de realidade e princípio de realidade para tentar estabelecer uma resposta propriamente psicanalítica para esta questão básica da teoria do conhecimento. (COELHO, 1995, p.30)

As indagações psicanalíticas quanto à possibilidade de representação da realidade verdadeira se apresentam das mesmas formas como já foram feitas pelos primórdios da filosofia. Muitos postulados sobre a hipótese de uma realidade verdadeira em oposição ao que podemos chamar de aparente, ilusória, inexistente, etc. não cessaram de criar novas discussões a respeito do que é real ou verdadeiro.

Dentro do eixo *Signo de realidade ou a possibilidade de uma representação verdadeira da realidade*, Coelho Jr., analisará os seguintes textos freudianos: Projeto para uma psicologia científica (1895); Interpretação dos sonhos (1900); Observações sobre um caso de neurose obsessiva (O caso do “Homem dos ratos”) (1909); Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (1910); Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911); Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917); Luto e Melancolia (1917); História de uma neurose infantil (O caso do “Homem dos lobos”) (1918); A Negação (1925); O futuro de uma ilusão (1927); Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933).

Coelho Jr. inicia a apresentação de seu primeiro eixo (sobre a possibilidade de uma “representação verdadeira”) partindo do texto *Projeto para uma psicologia científica*, 1895, texto sobre o qual ele ressalta a intenção de Freud em demonstrar o funcionamento psíquico a partir do funcionamento neurológico. Nesse texto, Freud desenvolve seu pensamento a partir da ideia de que o sistema nervoso é afetado por quantidades de energia provenientes dos estímulos do mundo externo e das excitações internas, introduzindo assim, uma ideia essencial para a formação da noção de realidade. Esta noção irá aparecer, nesse mesmo texto, quando do tratamento que Freud dará ao Processo Primário e ao Processo Secundário, e que Mezan irá explicitar muito bem em sua reflexão sobre o *Projeto*:

O processo primário, posto em evidência no “Projeto” e que governa as representações inconscientes, faz com que em momento algum elas possam ser conhecidas *sub specie aeternitatis*, e é por esse motivo que as formações do inconsciente requerem uma interpretação. Esta, por sua vez, não fixa coisa alguma, limitando-se a retrair um processo de gênese do sentido relativamente provável, sem impedir que outras interpretações possam revelar novos aspectos da rede de representações, e assim indefinidamente. Pois as representações não são apenas reencontradas no processo de interpretação, mas surgem também durante o processo associativo, de modo que não é dotada de sentido a questão de determinar se elas preexistem ao momento em que são evocadas ou se são inventadas nesse momento, em função de regras de extrema complexidade. (MEZAN, 1985, p.345)

Outro ponto importante a destacar no *Projeto* diz respeito às relações entre o pensamento, a representação e a realidade, ou seja, da importância do pensamento como modo de percepção da realidade indispensável à constituição do que Freud chamará de *prova de realidade*. Neste caso, a representação que pensamos ser da realidade não é produto da nossa imaginação, como ocorre na fantasia, na qual o pensamento se mantém livre da prova de realidade para permanecer submetida ao princípio do prazer. tema que será retomado mais adiante.

Assim, o objetivo e o fim de todos os processos de pensamento é o estabelecimento de um *estado de identidade* (...). Quando uma vez concluído o ato de pensamento, a indicação da realidade chega à percepção, obtém-se então um *juízo de realidade*, uma *crença*, atingindo-se com isso o objetivo de toda essa atividade. (FREUD, 1985, p.186)

A importância de começarmos as nossas reflexões por esse texto não é dada somente por uma questão cronológica. Muitos estudiosos da obra de Freud consideram esses escritos como essenciais ao entendimento do desenvolvimento de suas ideias posteriores, principalmente no que diz respeito a noção de realidade. O texto apresenta, pela primeira vez, noções referentes a um conceito de grande amplitude que é o de *prova de realidade*, e trará ainda a incipiente noção que mais tarde será nomeada como *princípio de realidade*.

Em *A interpretação dos Sonhos* (1900), Freud nos esclarece essa postura não realizável na psicanálise de se manter uma distinção objetiva entre o que é real e o que é imaginário. O trabalho psicanalítico irá trabalhar nessa fronteira já imiscuída entre o que é realidade psíquica e realidade material, dando importância à interpretação dos sonhos e das fantasias, para que seja possível um trabalho de elaboração do processo psíquico do paciente.

A interpretação do sonho não nos mostrou, por si só, que o que estava assim representado no sonho eram fantasias e não lembranças de fatos reais; e análise nos dá apenas o *conteúdo* de uma ideia e deixa a nosso critério determinar sua realidade. À primeira vista, fatos reais e imaginários aparecem nos sonhos como tendo igual validade; e isso ocorre não apenas nos sonhos, como também na produção de estruturas psíquicas mais importantes. (FREUD, 1909, p.183)

Deduziremos desse contexto, uma importante função que Freud chamará de *exame de realidade*. Esta função contemplaria ao paciente a capacidade de estabelecer contato com o mundo exterior, incluindo a capacidade de renunciar as suas pulsões para conseguir viver em sociedade, ou seja, permitiria o sujeito diferenciar os estímulos externos das excitações internas. Mais tarde, Freud irá desenvolver melhor essa ideia atrelada à função do Eu, pois para que a prova de realidade possa passar por um critério de avaliação rigoroso e seguro, é preciso “ que se produza uma inibição do investimento da lembrança ou da imagem, o que supõe a constituição do ego, (LAPLANCHE e PONTALIS, p.381)

(...) a prova de realidade possui um papel fundamental nos processos psíquicos a partir da sua função de distinguir a realidade da fantasia.(...) é na complexa dinâmica entre percepções, representações, libido e mecanismos de defesa que devemos situar essa função. (COELHO, 1995, p.41)

Assim, Freud em o *Esboço da Psicanálise*, 1938, conclui, que a função da prova de realidade é requerida para que seja possível às excitações internas tornarem-se conscientes dentro do processo psíquico, mas para isso, será necessário que ocorra a diferenciação entre o processo da percepção, que não é mais a mesma coisa que mundo externo, e o processo alucinatorio:

(...) a periferia perceptiva da camada cortical pode ser excitada em muito maior grau a partir de dentro também, acontecimentos internos como passagens de ideias e processos de pensamentos podem tornar-se conscientes, e exige-se um artifício especial para fazer a distinção entre as duas possibilidades - um artifício conhecido como *teste de realidade*. A equação “percepção = realidade (mundo externo)” não mais se sustenta. Erros, que podem então facilmente surgir e surgem com regularidade nos sonhos, são chamados de *alucinações*.(...) A função da *prova de realidade* pode estar inibida tanto nos sonhos como nas afecções não neuróticas, pois seja qual for o nível de afastamento da realidade, ela está diretamente relacionada com o grau de desinvestimento do sistema Cs, ou seja, ligados aos processos Cs regulados pelo princípio da realidade “quando o ego se desliga da realidade do mundo externo, desliza, sob a influência do mundo interno, para a psicose.(...) (FREUD,1938, p.123)

A respeito do texto *Observações sobre um caso de neurose obsessiva (O homem dos ratos)*, 1909, Coelho dedicará um capítulo inteiro em seu livro para fazer a exposição desse caso tomando-o como exemplo para apresentar, dentro da clínica freudiana, essa “confusão” entre realidade psíquica e realidade exterior na análise do paciente. Assim, atribui-se ao analista a responsabilidade de saber lidar com essa falta de clareza em relação a verdade dos fatos no discurso do paciente. “O estudo da memória e do tempo, em sua apreensão psíquica, será de fundamental importância para a constituição de um pensamento psicanalítico sobre a realidade e sobre suas diversas formas de representação” (COELHO, 1995, p.35)

Freud em *Um tipo especial de escolha de objeto amoroso*, 1910, desenvolve uma reflexão sobre a forma de como as pessoas fazem sua escolha de objeto, tentando conciliar a realidade com suas fantasias. No mesmo texto, faz ainda uma distinção entre o trabalho da ciência e a atividade do poeta, será esta última que proporcionará aos seres humanos prazer intelectual e estético. “Pois a ciência é a mais completa renúncia do princípio do prazer que a nossa atividade psíquica é capaz de fazer” (FREUD, 1910, p.335)

(...) a verdadeira realidade é aquela que aparecera para o cientista graças a sua capacidade de colocar em suspenso as necessidades comandadas pelo princípio do prazer. Freud volta assim a acreditar no acesso objetivo à realidade exterior. Trata-se da conquista da possibilidade de renunciar à exigência do prazer imediato, e de transformar isso em um método. (COELHO, 1995, p.35)

Prosseguiremos na consideração de que o texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, 1911, será um texto fundamental para estabelecer as bases de onde partirão as questões das muitas concepções da noção de realidade. Observamos nesse texto o movimento especulativo do pensamento freudiano que tenta evidenciar a real necessidade da prova de realidade, ideia já apresentada mais acima. Freud voltará ao conceito de prova de realidade, em diversos momentos em sua obra, sempre a partir de uma concepção metapsicológica, principalmente nas questões tópicas e econômicas.

No lugar da repressão, que excluía do investimento uma parte das ideias emergentes, por gerarem desprazer, colocou-se o juízo imparcial, que deveria resolver se uma determinada ideia era verdadeira ou falsa, isto é, se concordava ou não com a realidade, e o fazia comparando-a com os traços de memória da realidade. (FREUD, 1911, p.113)

Freud observará que, dentre os mecanismos de adoecimento, nas neuroses de transferência o afastamento da realidade exterior se dá de forma mais incompleta do que nas afecções não neuróticas.

Os neuróticos dão as costas à realidade por considerá-la — no todo ou em parte — insuportável. O tipo mais extremo desse afastamento da realidade aparece em alguns casos de psicose alucinatória, nos quais se procura negar o acontecimento que provocou a loucura (Griesinger). Mas, na verdade, todo neurótico faz o mesmo com algum fragmento da realidade.² E assim nos defrontamos com a tarefa de investigar, em seu desenvolvimento, a relação do neurótico e do próprio ser humano com a realidade, desse modo admitindo, no corpo de nossas teorias, a significação psicológica do mundo externo real. (FREUD, 1911, p.110)

Freud nos apresenta, em suas formulações a respeito da teoria do desenvolvimento psíquico nos seres humanos, que as etapas iniciais da existência estão submetidas ao princípio do prazer. Mais tarde, porém, subordinada às necessidades do instinto de autoconservação, a introdução do princípio de realidade tem sua importância inequívoca na formação do processo psíquico do indivíduo.

Ainda no texto *Dois princípios* veremos um maior aprofundamento da teoria - já exposta na *Interpretação dos sonhos* - sobre a necessidade de uma transformação do aparelho psíquico mediante a insuficiência da satisfação alucinatória do desejo. Essa observação irá introduzir um novo conceito: “o de princípio da atividade psíquica, que governam os processos primário e secundário. Surge então o princípio de realidade, oposto ao princípio do prazer” (MEZAN, 2014, p.122)

Apenas a ausência da satisfação esperada, a decepção, levou a que se abandonasse a tentativa de satisfação por meio alucinatório. Em vez disso, o aparelho psíquico teve que se decidir a formar uma ideia das reais circunstâncias do mundo exterior e se empenhar em sua real transformação. Com isso foi introduzido um novo princípio de atividade psíquica; já não se imaginava o que era agradável, mas sim o que era real, ainda que fosse desagradável. Esse estabelecimento do princípio da realidade resultou ser um passo de enormes consequências. (FREUD, 1911, p.111)

O surgimento do princípio de realidade e sua relação ao uso da consciência será de fundamental importância para a avaliação do seu contraste, a fantasia, este regido pelo princípio do prazer. Podemos considerar a formulação desse pensamento como um importante passo às futuras especulações psicanalíticas que terão grande importância na constituição da teoria freudiana, e que serão apresentadas no texto

Além do princípio do prazer, publicado em 1920, e que iremos trabalhar no próximo capítulo.

Com a introdução do princípio da realidade, dissociou-se um tipo de atividade de pensamento que permaneceu livre do teste da realidade e submetida somente ao princípio do prazer. É a atividade da fantasia, que tem início já na brincadeira das crianças e que depois, prosseguindo como devaneio, deixa de lado a sustentação em objetos reais. (FREUD, 1911, p.114)

O texto *Dois princípios* sugere uma clara separação entre fantasia e realidade; a fantasia ligada ao princípio do prazer e a realidade relacionada ao mundo exterior. Entretanto, voltemos a atenção ao fato da impossibilidade dessa divisão de forma tão objetiva. Conforme esta importante observação de Mezan:

Mas nada é mais móvel do que a fronteira entre o exterior e o interior, (...). As coisas e pessoas da “realidade” não são meras ficções do indivíduo, mas por outro lado têm de ser investidas por ele para ganharem uma significação; elas são passíveis de representação psíquica, e tal representação é fatalmente contaminada pela fantasia. (MEZAN, 1985, p.448)

Importante observarmos que nesse esforço de separação entre o que é fantasia e o que é realidade, poderíamos ser induzidos a pensar que o processo analítico permitiria a separação e a posterior eliminação do que seria da ordem do não real na vida psíquica do paciente, como se fosse possível deduzir das formações psíquicas resultante da repressão o quanto há de realidade nas fantasias. Se assim o fizessemos, estaríamos colidindo diretamente com um dos princípios constitutivos da psicanálise: o de não desprezar o valor das fantasias na formação dos sintomas. “Mas não nos deixemos induzir ao erro de transpor para formações psíquicas reprimidas os valores da realidade, de subestimar, por exemplo, o papel das fantasias na formação dos sintomas, pelo fato de não serem justamente realidades (...)” (FREUD, 1911, p.119)

Freud, ainda nos *Dois princípios*, acrescenta uma digressão sobre a interação do sujeito com a realidade exterior Eu-de-prazer e Eu-realidade no qual esse par de opostos não é mais o subjetivo (percepção) e o objetivo (realidade), mas o prazer e o desprazer. Podemos dizer então, que a oposição entre Eu-de-prazer e Eu-realidade se relaciona pelo mesmo antagonismo entre princípio do prazer e princípio da realidade. “Assim como o Eu-de-prazer não pode senão desejar, trabalhar pela obtenção de prazer e evitar o desprazer, o Eu-realidade necessita apenas buscar o que é útil e

proteger-se dos danos.” (FREUD, 1911, p.116). Será importante pensarmos o Eu-de-prazer e o Eu-realidade como dois modos de funcionamento do Eu, e não como duas modalidades absolutamente distintas; ao contrário, princípio do prazer e princípio da realidade se juntam em seus respectivos processos, para garantir a realização, mesmo que postergada, do princípio do prazer.

Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda. Abandona-se um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, para ganhar, no novo caminho, um prazer seguro, que virá depois. (FREUD, 1911, p.116)

Em *Complemento Metapsicológico à teoria dos sonhos*, 1917, Freud volta com as questões a respeito da crença na realidade e na prova de realidade, chamando-nos a atenção, mais uma vez, sobre a complexa relação entre percepção e pensamento e a indispensável função do exame de realidade no plano da análise das representações psíquicas.

Tenhamos presente, ainda, que é de grande importância prática distinguir percepções de ideias, mesmo que intensivamente lembradas. Toda a nossa relação com o mundo externo, com a realidade, depende dessa capacidade. Formulamos a ficção de não termos sempre possuído tal capacidade, e de que no início de nossa vida psíquica realmente alucinamos o objeto gratificante, ao sentirmos necessidade dele. Mas a satisfação não ocorria nesse caso, e logo o fracasso deve ter nos movido a criar um dispositivo que ajudasse a distinguir entre essa percepção fruto do desejo e uma real satisfação, e a evitá-la no futuro. Em outras palavras, bem cedo abandonamos a satisfação alucinatória do desejo e instituímos uma espécie de exame da realidade. Surge agora a questão de em que consistia tal exame da realidade, e de como a psicose de desejo alucinatória do sonho, da amentia e de condições análogas chega a suspendê-lo, restabelecendo o antigo modo de satisfação. (FREUD, 1917, p. 164)

Portanto, podemos observar que toda reflexão sobre o tema do teste de realidade, iniciada no *Projeto*, reaparece aqui acrescida de mais uma relação importante, desta vez, ligada a função do Eu. “Situaremos o exame de realidade, como uma das grandes instituições do Eu, ao lado das censuras entre os sistemas psíquicos (...)” (FREUD, 1917, p.166)

Freud, a partir do estudo sobre o desejo, nos diz que o Eu retira seu investimento do sistema de percepção consciente quando uma realidade precisa ser negada a fim de se evitar um conflito no sistema psíquico. Por consequência, esse

afastamento da realidade torna inativo a prova de realidade. Assim, Freud fará a aproximação com os sonhos, no estado de sono.

O estado de sono não quer saber do mundo externo, não se interessa pela realidade (...). Logo, ele subtrai o investimento do sistema *Cs* (...). Com esse não investimento do sistema *Cs* abandona-se a possibilidade de um exame de realidade, e as excitações que, independentemente do estado de sono, tornaram o caminho da regressão, o encontrarão livre até o sistema *Cs*, no qual serão tidas como realidade incontestada. (FREUD, 1917, p.167)

O conceito de exame de realidade reaparecerá em *Luto e Melancolia*, 1917, como sendo imprescindível para o trabalho de luto. A perda, constantemente lembrada pela realidade, torna-se intolerável. Instala-se, portanto, um mecanismo de defesa efetuado pelo Eu que rompe relação com a realidade; e é só a partir da realização de um processo de luto que o Eu consegue retirar sua libido do objeto perdido, triunfando, assim, a realidade.

Em que consiste o trabalho realizado pelo luto? Não me parece descabido expor esse trabalho da forma seguinte. O exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda libido seja retirada de suas conexões com esse objeto. Isso desperta uma compreensível oposição — observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo quando um substituto já se anuncia. Essa oposição pode ser tão intensa que se produz um afastamento da realidade e um apego ao objeto mediante uma psicose de desejo alucinatória. (...) O normal é que vença o respeito a realidade.(...) Não é fácil fundamentar economicamente por que é tão dolorosa essa operação de compromisso em que o mandamento da realidade pouco a pouco se efetiva. É curioso que esse doloroso desprazer nos pareça natural. Mas o fato é que, após a consumação do trabalho do luto, o Eu fica novamente livre e desimpedido. (FREUD, 1917, p.173)

A partir do texto *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*, 1918, foi possível, mais uma vez, pensarmos a relação da noção de realidade com o sonho. Estabeleceu-se, a começar pela identificação da constituição de uma cena, o caráter de realidade do sonho e o modo como este pode exercer influência na vida do paciente pelo sentimento de realidade, uma convicção análoga às lembranças.

O debate sobre o que é real e o que foi fantasiado no discurso do paciente aparece novamente como material a ser trabalhado na análise da clínica freudiana. “A cena do “Homem dos Lobos” mesmo que altamente provável do ponto de vista da realidade material, não é menos uma reconstituição elaborada durante o tratamento” (MEZAN,1985, p.462). Veremos que Freud, dentre tantas abordagens sobre a

concepção de fantasia e realidade, nos apresenta uma das respostas à origem da fantasia, ressaltando a capacidade de fantasiar do paciente neurótico que tem por finalidade a construção da fuga da realidade.

Se o neurótico tem a má característica de afastar seu interesse do presente e ligá-lo a essas formações substitutas regressivas de sua fantasia, nada podemos fazer senão acompanhá-lo em seus caminhos e levar à sua consciência tais produções inconscientes, pois elas são, abstraindo de sua ausência de valor real, altamente valiosas para nós, como portadoras e donas do interesse que queremos liberar, para dirigir às tarefas do presente. A análise teria que transcorrer exatamente como aquela que, ingenuamente confiante, toma tais fantasias por verdadeiras. A diferença viria apenas no final da análise, após o desvelamento dessas fantasias. Então diríamos ao doente: “Muito bem; sua neurose transcorreu como se na infância você tivesse recebido e continuado a tecer tais impressões. Você se dá conta de que isso não é possível. Eram produtos da atividade de sua fantasia, que o afastavam das tarefas reais que estavam à sua frente. Agora nos deixe investigar quais eram essas tarefas, e que vias de ligação existiam entre elas e as suas fantasias”. Uma segunda parte do tratamento, voltada para a vida real, poderia começar após esse ajuste de contas com as fantasias infantis. (FREUD, 1917, p.68)

A questão do exame de realidade aparecerá, também, no texto *A Negação*, 1925, “A meta inicial e imediata do exame de realidade não é, portanto, encontrar na percepção real um objeto correspondente ao imaginado, mas sim reencontra-lo, convencer-se de que ainda existe.” (FREUD, 1925, 279)

Ao ser reproduzida como representação, nem sempre a percepção é repetida fielmente; ela pode ser modificada por omissões, alterada por fusões de elementos diversos. O exame da realidade tem de checar até que ponto vão essas deformações. Mas reconhecemos, como condição para que se instaure o exame da realidade, a perda de objetos que um dia proporcionaram real satisfação. (FREUD, 1925, 279)

Poderíamos afirmar que toda movimentação do ser humano é amparada pelo desejo de encontrar-se novamente, com o objeto que em algum momento foi representado no psiquismo como fonte de prazer. “O que parece estar presente nestas ideias de Freud é que as representações, os objetos e o prazer não só são entidades quantitativas, mas trazem em si, no movimento das relações, as marcas de um processo qualitativo.” (COELHO, 1985, p.43)

Mais um ponto importante a destacar nesse texto é com relação a função do Eu no que diz respeito ao seu poder de impedir o surgimento do reprimido à consciência. A partir do desdobramento dessa função teremos a seguinte ideia: “Mas o desempenho da função do juízo é possibilitado apenas pelo fato de a criação do

símbolo da negação permitir ao pensamento um primeiro grau de independência dos resultados da repressão e, assim, da coação do princípio do prazer.” (FREUD,1925, p.280)

Poderíamos afirmar, portanto, que o surgimento do princípio de realidade carrega consigo a imposição de uma negação ao princípio do prazer. “Frustrar é dizer “não”, é estabelecer distinções, categorias e territórios, isto é, separar, e no inconsciente não há tempo porque não há posição de entidades limitadas, separáveis e passíveis de serem determinadas umas em relação às outras.” (MEZAN,1985, 647)

Em *O futuro de uma ilusão*, 1927, Freud faz uma exposição clara da sua posição com relação aos fenômenos ilusórios e seus respectivos deuses, referindo-se ora aos deuses das representações religiosas ora ao deuses das representações da ciência “Mas o trabalho científico é a única via para o conhecimento da realidade exterior.” (FREUD,1927, p.269). Porém, Freud não deixa de aludir à crença que deposita no deus *Logos*, que seria a representação da máxima objetividade para os intelectuais. Freud atribui à religião a responsabilidade de negar a realidade no que ela tem de cruel, e de recriar outra, de forma a corrigi-la. “Desse modo, chamamos uma crença de ilusão quando em sua motivação prevalece a realização do desejo, e nisso não consideramos seus laços com a realidade, assim como a própria ilusão dispensa a comprovação. (FREUD, 1927, p. 268)

Essas ilusões são motivadas pelo desejo e é preciso ser indiferente a realidade de fato, é por isso que *O futuro de uma ilusão* se refere à necessidade de uma “educação para o futuro”, pois a crença facilmente pode tornar-se uma ilusão. “O ser humano não pode permanecer eternamente criança, tem de finalmente sair ao encontro da “vida hostil”. Podemos chamar a isso “*educação para a realidade*” (...). (FREUD, 1927, p. 292). Poderíamos transpor essa ideia ao trabalho realizado na clínica psicanalítica, ocasião na qual o analista irá conduzir sua análise de forma a permitir que o paciente consiga ter uma percepção mais apurada dos objetos externos, resultando, dessa forma, em um trabalho de reeducação para a realidade.

Em *Novas conferências introdutórias à psicanálise, conferência XXXI (1933)*, Freud faz a importante observação acerca da relação da função do Eu com o mundo externo, dando destaque à essencial relação entre o Eu e o Id ressaltando que a função do Eu é resguardar o Id contra danos que poderiam ocasionar o seu aniquilamento.

A relação com o mundo externo tornou-se decisiva para o Eu, ele assumiu a tarefa de representá-lo junto ao Id, para salvação do Id, que, sem considerar esse ingente poder exterior, não escaparia à destruição, no cego afã da satisfação instintual. Cumprindo essa função, o Eu tem de observar o mundo externo, registrar uma imagem fiel dele nos traços mnemônicos de suas percepções, conservando afastado, mediante o “exame da realidade”, o que nesse quadro do mundo externo for acréscimo oriundo de fontes internas de excitação.(...) Assim destrona o princípio do prazer, que governa irrestritamente o curso dos processos no Id, e o substitui pelo princípio da realidade, que promete mais segurança e maior sucesso. (FREUD, 1933, p.217)

Freud nos chama a atenção para a difícil tarefa do Eu em exercer a sua função tanto na relação com o mundo externo como na relação com o Id e também com o Super-eu, funções estas que por muitas vezes são absolutamente inconciliáveis, e mesmo com tamanho esforço para cumpri-las ele pode fracassar em suas funções.

A coisa é ainda mais difícil para o pobre Eu: ele serve a três senhores severos, empenhando-se em harmonizar suas demandas e exigências (...) os três tirânicos senhores são o mundo externo, o Id e o Super-eu. (...) Se acompanharmos os esforços do Eu em atendê-los simultaneamente – melhor dizendo: em obedecer-lhes simultaneamente –, não lamentaremos ter personificado esse Eu, tê-lo apresentado como um ente particular. Ele se sente constringido de três lados, ameaçado por três tipos de perigo, aos quais, em caso de apuro, reage desenvolvendo a angústia. (FREUD, 1933, p.220)

Freud reafirma, na conferência XXXV, a sua filiação à crença iluminista da força da razão e da eficácia da ciência, ou seja, nos remete novamente à convicção de suas ideias sobre a possibilidade do ser humano, por intermédio do pensamento científico, ter acesso ao conhecimento verdadeiro, ao que é real, em sua concepção. Freud é combatente incansável na luta em argumentar contra o caráter nocivo da ilusão, em especial ao falar da influência da religião na civilização, em suas mais variadas matizes.

O pensamento científico (...) busca obter uma correspondência com a realidade, ou seja, com o que existe fora de nós, independente de nós e que, como nos ensina a experiência, é decisivo para o cumprimento ou fracasso de nossos desejos. Essa concordância com o mundo exterior real nós chamamos de “verdade”. (FREUD,1933, p.338)

Vimos, pois, alguns momentos importantes das reflexões de Freud sobre as formas de representação e conhecimento da realidade. O eixo proposto por Coelho Jr., *Signo de realidade ou a possibilidade de uma representação verdadeira da realidade*,

nos permitiu retrazar a consolidação da influência da realidade externa nos processos psíquicos e suas respectivas consequências na relação do sujeito com o mundo externo. Continuaremos esse trajeto com um estudo mais aprofundado do texto não mencionado por Coelho Jr., *Além do princípio do prazer* (1920).

Capítulo 2. A noção de realidade em *Além do Princípio do Prazer*

Todos os estudiosos em Freud concordam em considerar o texto *Além do princípio do prazer*, publicado em 1920, a obra que marca uma mudança decisiva na estruturação do pensamento freudiano, sendo um dos textos metapsicológicos mais importantes de toda sua obra.

Além do princípio do prazer se inscreve na série de textos que, do “Projeto” ao sétimo capítulo da *Interpretação dos sonhos*, passando pelos “Dois princípios” e pelos escritos de 1915, virá culminar com o “Compêndio da psicanálise”, de 1938: é dizer a importância de que se reveste para Freud a questão da metapsicologia, ou seja, da parte da psicanálise que descreve e explica o funcionamento do psiquismo, como fundamento da teoria das neuroses e portanto de todo o seu edifício conceptual.” (MEZAN, 1985, p.481)

Estaremos longe de retomarmos aqui toda a especulação freudiana apresentada em *Além do princípio do prazer*. O que tentaremos fazer brevemente, neste capítulo, é ressaltar em *Além do princípio do prazer* alguns pontos que tangenciam, uma vez mais, a concepção de realidade na obra freudiana.

Em *Além do princípio do prazer* Freud nos oferece uma importante reflexão do que ocorre no processamento psíquico entre o princípio do prazer e a realidade externa, ou melhor, sobre o processo de instalação do princípio de realidade.

2.1. O princípio do prazer

Buscar o prazer e evitar o desprazer são atividades inconscientes constituintes do aparelho psíquico desde seus primórdios. A estruturação desse funcionamento nos permitiu entender o processo do aparelho psíquico pelo princípio do prazer e desprazer, portanto, do ponto de vista metapsicológico, temos que: “(...) o princípio do prazer é um princípio econômico, que visa à diminuição da tensão psíquica ou sua manutenção no nível mais baixo possível”. (MEZAN, 1985, p.374). O princípio do prazer está associado ao excesso de energia pulsional sobrevivendo no interior do aparelho psíquico e tem como meta a diminuição desse acúmulo de excitação. Com relação a esse acúmulo e eliminação de energia tensionada, Freud, ao longo de sua obra, foi detectando a dificuldade em estabelecer um parâmetro de ligação

quantitativa e qualitativa na relação prazer-desprazer que agem sobre a vida do paciente.

Na teoria psicanalítica, não hesitamos em supor que o curso dos processos psíquicos é regulado automaticamente pelo princípio do prazer; isto é, acreditamos que ele é sempre incitado por uma tensão desprazerosa e toma uma direção tal que o seu resultado final coincide com um abaixamento dessa tensão, ou seja, com uma evitação do desprazer ou geração do prazer. (FREUD, 1920, p.162)

Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911), Freud já estruturara a ideia da existência do princípio do prazer no funcionamento de nosso aparelho psíquico. “É fácil distinguir a tendência principal a que estes processos primários obedecem; ela é designada como princípio do prazer-desprazer (ou, mais sinteticamente, princípio do prazer). (FREUD, 1911, p.111).

Esses processos primários aos quais Freud se refere são vestígios de uma fase de desenvolvimento em que o processo psíquico operava na função de buscar o prazer e evitar o desprazer. Temos então que o desenvolvimento inicial da existência está submetido ao princípio do prazer; entretanto, as urgências impostas pela realidade e a necessidade de autoconservação imprime prementes modificações no processo psíquico de modo a introduzir princípio de realidade que, como visto acima, é uma modificação do princípio do prazer.

2.2. O princípio de realidade e sua relação com o princípio do prazer

Em *Além do princípio do prazer*, Freud retorna às reflexões sobre as mudanças do aparelho psíquico efetuadas para atender as necessidades das excitações internas, que buscam prazer premente, mas que têm sua satisfação adiada pelas imposições do mundo exterior. Entretanto, a presença do princípio do prazer no funcionamento psíquico não assegura a eliminação de toda tensão desprazerosa e a efetiva realização do prazer.

Mas o princípio do prazer não garante que o prazer seja alcançado. Aliás, muito ao contrário, é só porque ele não é nunca alcançado de forma absoluta e definitiva – ou seja, é só porque o desprazer em formas mais ou menos intensas é inevitável – que o princípio de prazer continua operando em sua forma mais primitiva ou em sua forma mais elaborada e modificada, como princípio de realidade. Devemos também reconhecer que o indivíduo movido pelo princípio de prazer na sua forma primitiva produzirá muito mais desprazer que prazer e que é exatamente isso que exige – para a

preservação do princípio de prazer – que ele se modifique em princípio de realidade, ou *prazer-adiado*. (FIGUEIREDO, 1999, p.65)

A extensa reflexão sobre o princípio do prazer aparece constantemente relacionada com princípio de realidade, como fora apresentado por Freud em *Os dois princípios*. As pulsões, na urgência para atingir as suas satisfações, são obrigadas a passar por um estágio de aprendizado, ou, dito de outra maneira, por um processo de desenvolvimento, que lhes permitem apreender a realidade externa, obstáculo em seu caminho para a obtenção do prazer imediato.

Por muito tempo o princípio do prazer continua como o modo de funcionamento dos instintos sexuais, que são difíceis de “educar”, e volta e meia sucede que, a partir desses instintos ou no próprio Eu, ele sobrepuja o princípio da realidade, em detrimento de todo o organismo. (FREUD, 1920, p.165)

Renunciar ao prazer imediato, que se realizado fosse geraria mais desprazer, exige do sujeito a capacidade de esperar pela obtenção do prazer, processo esse que também gera desprazer. O princípio de realidade carrega consigo uma inevitável carga de desprazer, mas que não impedirá a contínua busca pela satisfação, portanto, podemos dizer que o princípio de realidade é o princípio do prazer modificado.

A maior parte do desprazer que sentimos é desprazer de percepção, seja percepção da presença de instintos insatisfeitos ou percepção externa, que é penosa em si ou que provoca expectativas desprazerosas no aparelho psíquico, sendo por ele reconhecida como “perigo”. A reação a tais reivindicações dos instintos e ameaças de perigo, na qual se manifesta propriamente a atividade do aparelho psíquico, pode então ser dirigida, de maneira correta, pelo princípio do prazer ou pelo princípio da realidade, que o modifica. Com isso não parece necessário admitir uma maior limitação do princípio do prazer, mas justamente a investigação da reação psíquica ao perigo externo pode fornecer novo material e novas colocações ao problema de que aqui tratamos. (FREUD, 1920, p.167)

Assim, temos que gradativamente o princípio de realidade irá se estabelecer como condutor do funcionamento psíquico, nascendo como modificação do princípio do prazer, e tentará assegurar o percurso para a satisfação do prazer (que agora se mostra menos imediato). Entretanto, o aparelho psíquico não desistirá de atingir sua meta, que mesmo adiada, tentará se realizar por meio dos mecanismos de desvios e

deslocamentos que ocorrem nas formações do inconsciente. Assim, a passagem do princípio de prazer para o princípio de realidade não eliminará o primeiro.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud ressalta a tendência do psiquismo de, em alguns momentos, parecer buscar o desprazer, o que seria incompatível com a ideia de que o aparelho psíquico operaria dentro de um processo exclusivo para obtenção de prazer. Pelo contrário, Freud identificara dentro do fenômeno da repetição “o caráter “demoníaco” desta compulsão, obviamente involuntária e contrária aos interesses e desejos do indivíduo (...).” (MEZAN, 2014, p.181), um dos temas fundamentais nessa obra, mas do qual não iremos tratar nessa pesquisa.

Mas devemos assinalar que, a rigor, não é correto dizer que o princípio do prazer domina o curso dos processos psíquicos. Se assim fosse, a grande maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada de prazer ou conduzir ao prazer, quando a experiência geral contradiz energicamente essa ilação. O que pode então suceder é que haja na psique uma forte tendência ao princípio do prazer, à qual se opõem determinadas forças ou constelações, de modo que o resultado final nem sempre corresponde à tendência ao prazer. (FREUD, 1920, p.164)

No princípio do desenvolvimento psíquico, o princípio de realidade é instaurado de modo a combater o processo alucinatorio, já que a alucinação não proporciona a satisfação do desejo. O princípio de realidade traz a percepção do caráter da frustração que impede o alcance da satisfação imediata e, por isso, mais uma vez, ressaltamos a sua importância como modificação do princípio do prazer.

2.3. Princípio de realidade, percepção e fantasia

O desenvolvimento do princípio de realidade só foi possível graças a uma série de modificações do aparelho psíquico. “A introdução do princípio de realidade é decisiva para a vida posterior do indivíduo, estando na origem de funções psíquicas essenciais, como a consciência, a atenção, a memória e o discernimento, a partir das quais irá se formar o pensamento.” (MEZAN, 1985, p.335).

O pensamento passa de uma atividade outrora exclusivamente inconsciente, ligada às representações de objeto, para atuar também no plano da consciência, por meio das representações das palavras, agindo de modo a ajudar a frear a energia pulsional.

A emergência da fantasia, protótipo do pensamento abstrato, é simultânea à do ego e à do objeto como *separados*, e também à da representação do

tempo como irreversível.(...) O “antes” e o “depois” corresponderiam assim à “autopercepção do funcionamento psíquico”, autopercepção que enquadra bem com a função de proteção contra os estímulos anteriormente – e enigmaticamente – indicada em *Além do princípio do prazer*. O funcionamento descontínuo do sistema perceptivo seria assim a base da representação do tempo, não só pelo ritmo do antes e do depois por ele instaurado, mas ainda porque, servindo a uma função protetora contra os estímulos exteriores, ele encontra um eco na função de proteção contra os estímulos interiores que é a essência da repressão. (MEZAN, 1985, p.645)

Assim temos, a partir da reflexão de Mezan, que a fantasia, resultado de um processo psíquico mais elaborado, introduz a noção temporal ao sujeito que percebe as interrupções do ato de fantasiar, bem como a indispensável distinção entre interno e externo, assim como percepção e alucinação. O ato de fantasiar constitui um modo pelo qual o sujeito consegue obter satisfação, pois mesmo de forma ilusória, o mecanismo é invocado em reação a imposição ao princípio de realidade. Nesse caso, o pensamento racional é reprimido de modo a não gerar desprazer ao eu.

Freud considera que o princípio de realidade não consegue atingir a totalidade dos pensamentos, que permanecem funcionando conforme o princípio do prazer, o que facilmente se constata pela continuação do ato de fantasiar. Freud, em *Além do princípio do prazer*, também chama a nossa atenção para a atividade do jogo e da imitação, tanto nas crianças como nos adultos, ou seja, são artifícios elaborados na mesma vertente do ato de fantasiar, que buscam as satisfações que foram contrariadas pelo princípio de realidade. Estas seriam, portanto, formas “saudáveis” de lidar com a realidade, transformando-a o suficiente para a obtenção de prazer.

Portanto, temos que o princípio do prazer continua atuando e sendo muito evidenciado no processo psíquico das fantasias, que do ponto de vista metapsicológico, funciona como processo primário. “Cada pulsão é concebida como regulada por um princípio diferente, o de prazer ou o de realidade, surgindo a fantasia como a “reserva florestal” do primeiro”. (MEZAN, 1985, p.331). Ou seja, o mecanismo de fantasiar funciona como uma reserva para o princípio do prazer; nessa reserva mantêm-se as condições de manter o funcionamento psíquico mais afastado dos impedimentos que vigoram na realidade externa.

O pensamento é uma das importantes adaptações do aparelho psíquico à realidade. Freud o considera como um dos atributos do que denominou como *prova de realidade*, mecanismo que permitirá a percepção do que é interno ou externo e do que são representações alucinatórias.

A atividade do pensamento está associada ao regime de deslocamento de energias. Implica na transformação da energia livre (que circula sem impedimentos entre as representações), em energia ligada, que se vincula às representações de maneira mais estável. Isto é, corresponde à passagem do processo primário para o processo secundário.

2.4. Os princípios de prazer e realidade X processos primário e secundário.

O princípio de realidade, do ponto de vista econômico, corresponde a um processo de transformação da energia livre em energia ligada. Mas essa ligação também corresponde à dominação do princípio de realidade sobre o princípio do prazer.

Vimos que uma das primeiras e mais importantes funções do aparelho psíquico é “ligar” os impulsos instintuais que lhe chegam, substituir o processo primário nele dominante pelo processo secundário, transformar sua energia de investimento livre e móvel em investimento predominantemente parado (tônico). Durante essa transformação não se pode atentar para o desenvolvimento do desprazer, mas o princípio do prazer não é anulado por isso. Pelo contrário, a transformação ocorre a serviço do princípio do prazer; a ligação é um ato preparatório, que introduz e assegura o domínio do princípio do prazer. (FREUD, 1920, p. 236)

As instâncias mais elevadas do aparelho psíquico, tal como a consciência, teriam como tarefa ligar a energia pulsional vigente no processo primário. O processo secundário possibilitaria, portanto, o sucesso da ligação, momento este que restabelece a dominância do princípio do prazer, através da sua modificação sob a forma de princípio da realidade.

Assim, o princípio de realidade teria o mesmo objetivo do princípio do prazer que seria, através da redução da energia livre disponível presente no aparelho psíquico, evitar o desprazer e buscar a satisfação. Porém, faz isso através da tentativa de frear o domínio desordenado das forças pulsionais. Isso levaria a substituição do processo primário – sistema inconsciente - pelo processo secundário – princípio da realidade. Mas é essa mesma redução de energia livre que diminuirá as oportunidades de se atingir a tal meta de satisfação imediata, conforme o princípio do prazer.

(...) a predominância do princípio do prazer determina a modalidade primária de funcionamento do aparelho mental. Modalidade essa que, vigente nos sistemas e processos inconscientes do psiquismo, sob a pressão

do mundo externo (ou nas palavras de Freud, perante as exigências da realidade), sofre uma modificação considerável, que a transforma em processo secundário e a consolida e fixa como variação do princípio da constância. (GIACCOIA, 2008, p.30)

Giacóia Jr. nos traz ainda, uma reflexão já presente no “Projeto”: o de ação específica do ego, que consiste em permanecer na dependência tanto das demandas do processo primário, no que tange a satisfação das pulsões, como nas exigências impostas pela realidade.

É nesse contexto que faz sentido pensar a formação do ego como instância psíquica constantemente investida de quantidades de energia mental, como lugar de armazenamento de energia exigida pela função secundária do sistema nervoso, que consiste na manutenção das quantidades afluentes no grau mínimo necessário para o desencadeamento de ações específicas sobre a realidade externa. (GIACCOIA, 2008, p.59)

A partir da segunda tópica, Freud estabelece o ego como instância que, em contato direto com a realidade exterior, torna-se essencial para garantir a fixação do princípio de realidade. Ou seja, o estabelecimento do ego carrega também a renúncia ao processo primário; com surgimento do eu, passa a vigorar o princípio do prazer modificado pelo princípio da realidade.

2.5. O princípio do prazer e o princípio da realidade em *Mal-estar na civilização*

Em *Mal-estar na civilização*, 1930, Freud voltará à reflexão sobre essa primazia básica do princípio do prazer em relação à realidade externa.

“Como se vê, é simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida. Este princípio domina o desempenho do aparelho psíquico desde o começo; não há dúvidas quanto a sua adequação, mas seu programa está em desacordo com o mundo inteiro, tanto o macrocosmo como o microcosmo. É absolutamente inexecutável, todo o arranjo do universo o contraria; podemos dizer que a intenção de que o homem seja “feliz” não se ache no plano da “Criação” (FREUD, 1930, p. 30)

A constatação concreta da impossibilidade de ser absolutamente feliz não impede o movimento do indivíduo em direção a tal finalidade; o princípio do prazer ignora essa impossibilidade. Segundo Freud, os caminhos podem ser percorridos de duas maneiras: na busca direta de obtenção do prazer ou no esforço constante para

evitar o desprazer. Ainda que nos esforcemos por andar atentamente nas duas direções, não será possível alcançarmos tudo que desejamos.

Não é de admirar que, sob a pressão destas possibilidades de sofrimento, os indivíduos, costumem moderar suas pretensões à felicidade – assim como também o princípio do prazer se converteu no mais modesto princípio da realidade, sob a influência do mundo externo – se alguém se dá por feliz ao escapar à desgraça e sobreviver ao tormento, se em geral a tarefa de evitar o sofrer impele para segundo plano a de conquistar o prazer. (FREUD,1930, p.31)

Se não é possível uma satisfação total, direta e imediata do prazer, dizemos que a satisfação possível pode estar na evitação do sofrimento e/ou no esforço para modificar o mundo externo. Ou seja, sempre implica alguma dificuldade e nenhuma garantia de sucesso.

Não há, aqui, um conselho válido para todos (...) depende de quanta satisfação real ele pode esperar do mundo exterior e de até que ponto é levado a fazer-se independente dele; e também, afinal, de quanta força ele se atribui para modificá-lo conforme seus desejos” (FREUD,1930, p.40)

Nesse trecho, Freud nos traz implicações sobre a possibilidade de mudança no mundo exterior, ou seja, a capacitação individual de ação sobre a realidade. O trabalho clínico, portanto, se apresenta como importante condutor nesse processo de transformação do princípio do prazer em princípio de realidade, possibilitando a cada um encontrar suas formas de modificar o mundo externo a fim de satisfazer seus desejos.

Não há dúvidas sobre a importância de *Além do princípio do prazer* para as reflexões sobre a noção de realidade em Freud. Procuramos destacar algumas delas, tendo por critério as que mais se relacionam com a concepção de um princípio de realidade capaz de alterar o percurso da satisfação pulsional de modo a evitar o desprazer. Entretanto, o princípio do prazer jamais será eliminado do aparelho psíquico; ao contrário, ele persistirá modificado na forma de princípio de realidade; este terá como função, em última instância, atender às exigências do princípio do prazer.

Considerações finais

Nesta pesquisa, percorremos um conjunto de textos freudianos com a finalidade de acompanhar algumas das formulações acerca da concepção de realidade, ideias estas que se desdobraram em conceitos e que permitiram a constituição de sua teoria. Começamos com alguns de seus primeiros escritos e nos detivemos com mais atenção em *Além do princípio do prazer*, pois essa obra não havia sido mencionada pelo comentador que adotamos como referência (Coelho Jr.).

Como vimos, Freud retoma em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* algumas das reflexões iniciadas no *Projeto* e que aparecerão já solidamente teorizadas em *Além do princípio do prazer* acerca do tema Realidade.

Freud nos apresenta nos *Dois princípios* o funcionamento de dois processos importantes na estruturação do psiquismo: o princípio do prazer e o princípio de realidade. Ao longo de toda a sua obra, trabalha com esses princípios e vemos a consolidação desse movimento em *Além do princípio do prazer*, texto no qual ele deixa muito claro a inexistência de uma oposição entre os dois princípios do funcionamento psíquico. Isto é, a função do princípio de realidade é atender as demandas do princípio do prazer e esforçar-se para que de alguma maneira tal satisfação seja alcançada; além disso, vai se sobrepôr ao princípio do prazer de modo a evitar o desprazer e os perigos decorrentes de uma manifestação sem freios do princípio do prazer.

Para Freud, o processo que estabelece o princípio de realidade está diretamente ligado ao funcionamento da prova de realidade de modo a fugir da dor e buscar de algum modo a satisfação pulsional. Desde o *Projeto*, Freud nos apresenta as mudanças necessárias ao aparelho psíquico para que sejam possíveis os investimentos libidinais nos objetos externos e, além disso, para que a satisfação do desejo seja alcançada de modo mais seguro, tornando mais racional a efetivação do princípio do prazer. Parte desse processo consiste em conseguir estabelecer as relações entre os sistemas do pensamento, da memória, da atenção com os princípios do prazer e da realidade, a fim de evitar a dor e atingir a satisfação. A importância da consciência se faz presente, instituída como uma estrutura psíquica mais elevada que possa permitir tal relação.

Para Freud, o pensamento animista e religioso proporcionaria um atraso no desenvolvimento da civilização, pois estes estavam diretamente relacionados ao

princípio do prazer. Segundo ele, o progresso da civilização dependeria do pensamento científico, mais próximo ao princípio de realidade. Entretanto, nos parece óbvio que Freud não acredita na possibilidade de uma perfectibilidade do homem, visto que a sua teoria se funda nos conflitos gerados justamente pela incapacidade psíquica de se ter acesso objetivo à realidade. A presença do princípio do prazer estaria sempre permeando a percepção da realidade.

Freud nos impele a tentar modificar a realidade externa a fim de produzir satisfação, ao invés de assumir uma postura de fuga da realidade.

A importância do pensamento racional como estrutura mais elevada da constituição psíquica é vinculada ao princípio de realidade. Apresenta-se como uma das funções da consciência que permite a avaliação da ação sobre a realidade, a fim de conservar o organismo, evitar o desprazer e satisfazer as pulsões do modo mais seguro possível.

Reafirmo a importância do texto *Além do princípio do prazer*, que escolhi percorrer com atenção por se apresentar como uma lacuna no estudo de Coelho Jr.; a meu ver, poucas vezes os dois princípios do funcionamento mental foram colocados de forma tão precisa quanto no primeiro capítulo deste texto.

Como já dito, não há uma definição exata sobre a realidade na obra freudiana. Entretanto, todos os desdobramentos que o princípio de realidade nos apresenta nos faz resvalar na ideia de que este tangencia e nos aponta a direção mais precisa de uma noção de realidade em Freud.

Uma vez mais, ressaltamos a importância que o princípio de realidade tem para a possibilidade de transformação do mundo externo – por isso a evidente importância do tema para o trabalho analítico na clínica freudiana, ressaltado por Coelho Jr. em sua obra. A clínica psicanalítica teria o objetivo de tornar o paciente mais tolerante à renúncia ao prazer imediato e capacitá-lo a conviver com o desprazer inerente a qualquer atividade vital. Amar e trabalhar implicam a possibilidade de manter vínculos e investimentos minimamente estáveis, e nem sempre gratificantes.

(...) os esforços analíticos se orientam para capacitar o paciente para a tolerância a uma certa quota de desprazer, aquele desprazer moderado que é exigido pelo princípio de realidade. Como vimos anteriormente, o princípio de realidade é o princípio de prazer modificado, melhor dizendo, é o princípio de *prazer-adiado*. (FIGUEIREDO, 1999, p.64)

Não é difícil percebermos a importância desse tema para o desenvolvimento da maturidade psíquica. Renunciar ao princípio do prazer, embora sua força se faça presente o tempo todo, é tentar atuar no mundo de modo que a realidade externa sirva como possibilidade na busca da satisfação.

Finalizo tendo em mente que um trabalho de pesquisa deve ser pensado no contexto dos interesses do pesquisador, mas acredito também na importância deste trabalho como embrião para novas investigações e descobertas, até mesmo para além de uma abordagem estritamente no campo da teoria psicanalítica.

Referências Bibliográficas

- BEZERRA Jr, Benilton. “Descentramento e sujeito-versões da revolução copernicana de Freud”. In: BIRMAN, J. (org). *Freud, 50 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1989.
- COELHO Jr, Nelson. *A força da realidade na clínica freudiana*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Editora Escuta, 1999.
- FREUD, Sigmund. (1895). *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Vols. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1909). *Observações sobre um caso de neurose obsessiva (O homem dos ratos)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- _____. (1910). *Cinco lições de psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- _____. (1910). *Um tipo especial de escolha de objeto amoroso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- _____. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1917). *Os caminhos da formação de sintomas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. (1917). *Complemento Metapsicológico à teoria dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1917). *Luto e Melancolia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1918). *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1920). *Além do Princípio do Prazer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. (1925). *A Negação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. (1927). *O futuro de uma ilusão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1930). *O mal-estar na civilização*.

_____. (1933). *Novas conferências introdutórias à psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1938). *Esboço da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GIACOIA Jr., Oswaldo. *Além do princípio do prazer: Um dualismo incontornável*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.

LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, J-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Companhia da Letras, 1985.

_____. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *O tronco e os ramos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.